



# O teatro das mãos

*Geneviève Haag\*, Paris*

*Neste artigo, a autora propõe-se a considerar a percepção e a contemplação visual da própria mão, pelo bebê dos primeiros meses de vida, vinculando-as à representação de um objeto primário compreendendo a continência e seu esqueleto interno. A mão confirmar-se-ia, assim, como uma das primeiras formas radiais de continência, já previamente trabalhadas pela autora. Aliás, as interconexões desenvolvidas entre as mãos, nesse mesmo período, parecem participada e testemunha a construção desta representação em jogos identificatórios que vão do registro adesivo ao registro projetivo. Em apoio às observações e considerações de Esther Bick, que já se orientam nesse sentido em seu artigo princeps concernente à observação de lactantes e sobre os próprios trabalhos da autora concernentes às identificações intracorporais, relatam-se materiais clínicos retirados do tratamento psicanalítico de duas meninas que emergem de defesas autísticas e que apresentam essas mesmas problemáticas no “fazer desenhar” ou desenhar o contorno de suas mãos em variadas configurações.*

\* Trabalho apresentado no VI International Congress on Infant Observation According to the Method of Esther Bick, Cracóvia, Polônia, 2002.

\*\* Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Paris.



Os dados da observação de bebês, permanentemente confrontados com os da clínica, segundo o ensinamento de E. Bick, nos trazem numerosos aprofundamentos relativos ao desenvolvimento da psique durante a primeira infância e a deciptação dos materiais clínicos em si.

Durante este congresso, proponho abrir “o teatro das mãos”, cuja cortina E. Bick magnificamente escancarou, em seu artigo princeps concernente a seu método de observação (Bick, 1964).

Retomarei, então, no quadro desta exposição, certos fragmentos da descrição do jogo das mãos de Carlos, acompanhados por algumas reflexões e interrogações, a começar pelas da própria E. Bick sobre o nível identificatório, bem como sobre o nível de representação e mais particularmente de simbolização em jogo.

Depois, voltando à clínica, mostrarei, através de alguns exemplos, como a retomada elaborativa dos fundamentos narcísicos que tocam o eu corporal pode utilizar essa representação-mão, talvez primordial, na relação transferencial, através das variações do desenho do contorno das mãos. Disso resultarão algumas interrogações sobre a retomada desse desenho na vida cotidiana na idade do conflito edípico.

### Observação de Carlos comentada por E. Bick

*“Na primeira observação de Carlos, aos dez dias, notou-se que ele batia levemente no segundo seio, o direito, e formava um pavilhão de trompete com sua mão (direita) em torno da boca, mamando muito doce e lentamente. Deixado em seguida só no leito, sua mão direita explorava em torno do olho e das têmporas, o polegar esquerdo à boca. Depois, gradualmente, sua mão esquerda assumiu a forma de trompete e, de súbito, adormeceu.*

*Com nove semanas: após uma mamada perturbada por uma mudança na rotina, Carlos brincou com suas mãos de modo complexo. Primeiro, uma das mãos parecia espichar, amassar a outra, torcendo duramente os dedos e o polegar. Por instantes, uma mão descrevia um pequeno círculo diante da boca, seu rosto tinha então uma expressão desagradável, descontente, crispada. Após sobreveio uma mudança: ele tornou-se bem mais calmo, brincou com suas mãos de um modo bem mais lúdico, reunindo-as, esfregando-as, afundando os dedos uns nos outros. Colocado junto ao seio direito, mamou com regularidade, as mãos de cada lado do seio, bem afastadas do mamilo. A mãe disse que ele, com freqüência, tocava o seio durante a mamada, batendo-o, afundando-o com os dedos muito duramente.*

*Dez semanas: a mãe tinha a mão sobre o peito de Carlos, ele começou a*





*brincar com os dedos dessa mão, enrolando-os em torno dos seus, passando docemente o indicador ao longo do punho e da mão de sua mãe. Ele olhava também seu rosto, emitindo sons amigáveis em resposta a suas palavras”.*

### **Reflexões e interrogações após essa observação**

E. Bick assim comenta a observação durante a nona semana: “*Fomos tocados pelo modo como as mãos se relacionavam entre elas, primeiro elas se puxavam, se pressionavam, com bastante força; logo em seguida elas se esfregavam, os dedos se afundando uns nos outros ludicamente*”. Depois, na décima semana: “*Na observação seguinte, viu-se Carlos brincar desse segundo modo com a mão de sua mãe, após a mamada no primeiro seio, o qual, alternadamente, ele tinha sugado fortemente, depois parado e, quando sua boca permanecia inativa, sua mão direita se fechava e abria com força. Isso nos evocou, muito, em seminário, que sua mão era, pelas suas atividades, como uma boca e a mão de sua mãe, por toda sua significação, como um seio, o que, em conseqüência, sugeria que suas mãos pudessem, também, em certos momentos, estar em relação uma à outra como sua boca com o seio.*”

Mais adiante, E. Bick continua suas reflexões sobre os fenômenos identificatórios em ação: “*O afundamento dos dedos uns nos outros e através uns e outros é a prova de uma modalidade projetiva de chegar à identificação?*”

E mais adiante ainda: “*Tenho a impressão de que os estudantes se fascinam pelas provas trazidas pela observação de que, muito precocemente, processos de clivagem estão em ação, assim como a identificação das partes do corpo com objetos – qualquer que seja o quadro teórico em que eles escolherem exprimir a descoberta do funcionamento mental do lactante*”.

Proponho dar continuidade, por um instante, a essas reflexões do duplo ponto de vista esboçado por E. Bick: identificatório e representacional. Retomemos a observação de Carlos ao décimo dia. Se nos detemos nela (M. Haag, 2002, p. 220), percebemos aí a gênese de um ajustamento mão-boca-mamilo – mão direita instalada em pavilhão de trompete entre o circuito da boca e seio, como buscando a continuidade tátil, posição da mão que será retomada a partir daí no auto-erotismo. Essa mão direita instalou-se assim após a troca de seio (um tanto quanto cronometrada em demasia sob os conselhos do dr. Spock) que provocara raiva no bebê. A mãe teve que lhe devolver o mamilo, que ele não conseguia mais encontrar. Mas a mão, após um suave tapinha no seio, estava tão próxima daquele, que ela teve que retirá-la duas vezes, pois atrapalhava...Parece que, ali, a mão do bebê, é uma equação (eu retiro a palavra simbólica da terminologia de H. Segal; veja-se a justificação disso em M.





Geneviève Haag

Haag, 2002, p.97, 98) da boca do bebê que busca segurar, ao mesmo tempo, o mamilo, espécie de ‘duplo’ perfeito reforçado, talvez no componente de apossar-se da pulsão (P. Denis, 1992) após uma frustração. Isso me lembra uma outra observação, filmada dessa vez (C.P.P.A., Sucy en Brie), em que um bebê, à espera raivosa do seio, mete todo o seu punho na boca, sugando-o em “ventosa”. A mãe teve que retirar o punho para pôr o bico, esse punho sendo também, manifestamente, uma equação do seio. Não nos encontraremos aqui no registro da identidade adesiva? Uma outra equação parece mostrar-se nessa observação, a do olho, talvez com a função ao mesmo tempo de boca circundante e língua penetrante: mão direita enrolada em caracol sobre a têmpora, dedos sobre o olho direito. Ora, o observador notara, também, desde sua chegada, que o bebê “(...) *tinha diversos arranhões nas faces, nas bochechas, e seu olho direito estava ligeiramente descolorido, como se ele o tivesse pressionado em demasia*” (Haag, M., 2002, p. 218).

Na observação com nove semanas, vê-se desencadear-se, após uma perturbação, um jogo mais complexo que propomos já ser uma teatralização implicando um nível de simbolização primária (Haag, G., 2002). Eu retomo a terminologia adotada igualmente na França por René Roussillon (1995-2000) em relação aos fenômenos de transicionalidade. Se definimos a simbolização como Meltzer propõe com frequência: uma coisa e seu representante tendo relações analógicas variadas, mas cujo laço simbólico, sobretudo, se forja em um fogo emocional. Uma mão, como o propõe E. Bick, sendo como uma boca e a outra como um seio, as atividades de uma com a outra, de uma *na* outra são com efeito conduzidas por afetos poderosos, seja de raiva, seja de intenso prazer pulsional, seja de ternura. Essa mão encontra-se, portanto, em uma relação simbólica com a boca e o seio, e, do lado das identificações, nós bem que estamos, segundo o sugere também E. Bick, no registro da projeção identificatória que implica uma relação de continente a continente, “dentro”.

As reprises auto-eróticas teatralizantes exercem-se, primeiro, como nessas observações, na proximidade temporal do contato direto com o seio, o rosto e a mão da mãe que essa, naturalmente, como nós vimos na observação de Carlos, oferece ao bebê para a exploração, a manipulação, e, assim fazendo, para o deslocamento analógico que serve à simbolização. Depois se exercem mais à distância, na medida da estabilização introjetiva do que chamei de identificações intracorporais, a sucção do polegar pelo olhar e pela pele e as junções das mãos que soldam o eixo médio (Haag, G., 1985, 880).

Mas eu desejaria atrair a atenção para um outro fenômeno freqüentemente observado nas manifestações auto-eróticas dessas idades, sobretudo no segundo trimestre da vida pós-natal: trata-se da contemplação da mão mais ou menos estendida em leque. Proponho que se considere essa forma como uma das formas perceptivas





visuais privilegiadas que representam a introjeção de continência e fazendo parte das formas radiais como as defini em 1993 (Haag, 1993 a). Essas formas radiais, ou solares, nascem do esquema das “curvas de retorno” proposto por uma criança pós-autista para ilustrar sua percepção da formação do envelope e de seu núcleo ou esqueleto interno (fig.1) que eu comentarei assim: uma imagem motriz saída das tensões pulsionais nas zonas erógenas (boca e mãos com freqüência confundidas, portanto) cria “um ponto de partida” em busca de encontros, para a satisfação da necessidade, assim como para os encontros sensual e psique-olhar. Essa “tensão na direção de” só retorna com a resposta transformadora (no sentido de Bion) do objeto externo. Essa resposta transformadora, e eu condenso aqui numerosos trabalhos que não podem ser explicitados no quadro desta breve exposição (Green, 1977; Tustin, 1986; Haag, G., 1994 a), cria um ponto de avanço na concomitância de uma mesmice suficiente (ponto adesivo, fusional da identificação) e de uma diferença suficiente que criam uma pequena fenda (alucinação negativa) imediatamente colmatada por uma alucinação positiva de “duro” sustentada pelo sobressalto tensional. A forma visocinestésica redonda é, talvez, de início, cinestésica e expressa, por exemplo, por Carlos aos dois meses na execução de pequenos círculos diante da boca. Ele parece, nesse momento, tentar a recuperação dessa forma no meio da turbulência, desencadeando puxões, torções duras dos dedos, reflexos prováveis de uma projeção identificatória que torce e arranca o mamilo e toda essa estrutura circundante. Essa forma, pois, na percepção visual, é sem dúvida projetada sobre a redondez da palma; os “raios” dos dedos, provavelmente derivados das “curvas” e formando assim os primeiros sóis, representariam mais particularmente a penetrabilidade. Isso será retomado elaborativamente no desenho das crianças do quarto ano de vida: forma solar nos primeiros bonecos girinos e conservadas nos rostos e mãos dos bonecos em uma ou duas vesículas em vias de se colocar na verticalidade (fig. 2) (Haag, 1994,1996). Nessas mesmas idades, por períodos, as crianças de três a cinco anos buscam fazer, ou fazer com que outros façam, o contorno de suas mãos, e os adultos, intuitivamente, propõem isso com bastante freqüência mesmo no terceiro ano de vida. São, então, seguidamente propostos e pedidos (nas creches ou jardins de infância) pequenos desenhos sobre e na mão, e os adultos fazem então flores do tipo margaridas(!) bem semelhantes ao esquema de Carlos. É possível também pensar no sucesso, para mim por muito tempo enigmático, da “boneca flor” proposta por Françoise Dolto na França e utilizada no material de psicoterapia por numerosos colegas formados por ela. Podemos propor a hipótese de que, durante os abalos conflitantes dessas idades, a fragilização narcísica devida a esses mesmos abalos necessitaria sustentar sua reparação com a realização dessa representação básica.





## Materiais clínicos

A seguir evocarei, em contraponto, o material de desenho do contorno das mãos desenvolvido por duas crianças saídas, uma de um estado de superficialidade com importantes elementos adesivos, outra de um estado de retiro autístico franco. Parece que esses materiais trabalham ao mesmo tempo a restauração da mão enquanto forma de continência e as inter-relações do “teatro das mãos”, que introjetam no eu corporal as identificações primárias.

A primeira garotinha fazia com que se fizesse o contorno de suas mãos: a mão esquerda na parte esquerda da folha, a mão direita na parte direita, sempre simétrica, sem jamais cruzar, exatamente como sua postura corporal na deambulação, as mãos em candelabro, de cada lado, que simulava seguidamente na contemplação de seu “duplo” no espelho. Seu corpo parecia não ter espessura. Ela falava um pouco, de modo freqüentemente ecolálico. Eu devia manter-me em extrema atenção, para não me deixar submergir nessa relação de superfície e espreitar as expressões de afetos nascentes e interpretáveis na sonoridade de sua voz e na escolha das cores dadas, para desenhar suas mãos que eu podia ligar a projeções de afetos que ela me proporcionava.

Um dia, surpreendi-me a me “evadir” dessa relação de atenção concentrada, provavelmente por menos de um minuto. Tomei consciência disso com uma certa brutalidade vertiginosa e culpabilidade, os olhos levantados para o mais alto vidro da janela, e logo que eu os baixei, sua mão direita estava levantada diante dos meus olhos com um lápis; ela se abaixou sobre a folha ao mesmo tempo que meu olhar-atenção e, pela primeira vez, ela desenhou com sua mão direita o contorno de sua mão esquerda, cruzando assim a linha mediana. Sua mão direita parecia, então, verdadeiramente identificada com minha função de atenção para desenhar sua mão esquerda dessa forma radial que assinalava uma certa introjeção em boa direção e organizava o eixo ao mesmo tempo.

A outra garotinha era incapaz, no início, de fazer ela própria o contorno de suas mãos; ela tentava, mas conseguia no máximo marcar um ou dois traços penetrantes entre os dedos medianos, que tinham dificuldade em se separar, e esboçar acima um pequeno fragmento de curvas não unidos aos traços (fig. 3). Um pouco mais tarde, ela podia fazer o contorno dos dedos medianos, sempre se sobrepondo (fig. 3bis), mas ela continuava parecendo ignorar, ou não poder se ocupar nem do polegar nem do mínimo; as bordas das mãos não existiam, portanto. Em compensação, ela me levava a fazer verdadeiras cortinas do contorno de suas mãos, nas quais eu sublinhava a presença do polegar, do dedo mínimo e dos contornos até o punho inclusive.





Eu estava muito intrigada por essa grande restrição desse desenho do contorno da mão, quando ela mesma tentava realizá-lo. Felizmente eu era, um pouco, guiada por meu trabalho anterior sobre a atenção dada aos contornos e linhas enquanto representação da ligação língua/mamilo/olho a olho penetrante que remete à transformação (Haag, 2000). A pequena pôs-se a brincar, paralelamente com a marionete crocodilo, a devoração de todos os “contornos” do mobiliário da peça, enquanto eu já pudera interpretar, em sua tentativa de me “paralisar” com o controle estrito de minha postura, seu medo de perder todos os contornos sólidos que fabricavam o que juntas compreendíamos. Nesse dia do jogo do crocodilo, ela estava mais distendida e explodiu em riso, após me ter posto em “simetria”. Um pouco mais tarde, em véspera de férias, houve uma sessão em que tentou, com lápis, entrar concretamente em meus olhos. Eu lhe impus, lógico, uma proibição firme, convidando-a a simular e interpretando o movimento de desejo destrutivo devido à perspectiva da ausência, mas também ao desejo intenso de penetrar e incorporar, cuja fantasia, mas não a realização, era permitida na teatralização. Ela pôde, então, encenar a penetração violenta, pedindo-me para fazer-lhe o contorno das suas duas mãos (uma tentativa pessoal tendo efetuado somente o de dois dedos), depois o de minha própria mão; ela, então, desliza sua mão sob a minha, depois, uma vez as mãos retiradas, ela faz um traço de lápis violento e pontos agudos no interior dessa mão, a dela e a minha confundidas. A partir disso as habituais cortinas de mãos fizeram-se mais entrecruzadas (fig. 4). Podemos, pois, pensar que essa triagem da penetração destruidora com a penetração fundadora de um espaço tridimensional permitiu essa representação mais forte do entrecruzamento, símbolo do vínculo forjado na identificação projetiva útil e condicionado à qualidade do envelope. Com efeito, parece-me que era o que ela elaborava, quinze dias depois, sob outra forma: muito atenta ao meu traçado dos contornos numa disposição de suas mãos azuis ainda mais entrecruzadas (fig. 5), ela pousou seu antebraço sobre a folha e, como em contraponto, (fig. 6), fez ela mesma o contorno desse em vermelho, colocando acima uma espécie de olho impressionante, dobrando os traços principais da linha de visão e do contorno do braço de um traço muito forte, compondo uma linha descontínua, entrecortada, arrancada-arrancando?: “Um olho mau que faz um contorno todo esfolado?” digo eu.

Eu me perguntei se essa elaboração não se ligava ao que se passava antes em suas tentativas de contorno, que não faziam mais que mergulhar timidamente nos espaços interdigitais e não podiam se ligar ao contorno; seria defensivo em relação à fantasia de uma penetração/identificação projetiva intrusiva fantasmaticamente, de tal modo violenta que as “bordas” do envelope que deveriam derivar das imersões e emersões dessa mesma identificação em sua versão “útil” (Bion – Rosenfeld) seriam por ela perfuradas, estraçalhadas, arrancadas a cada vez. Mas de súbito essa retenção







Geneviève Haag

detinha o processo de constituição desse envelope; o antigo desenho do contorno dos dedos cavalgando-se testemunhava um fechamento adesivo? Mas podemos dizer, na sessão atual, que era evocada uma recuperação auto-erótica suficiente (o entrecruzamento das mãos azuis) para ultrapassar o momento de raiva destruidora ou de emergência de uma excessiva intensidade pulsional como o compreendemos na cena dos lápis? Creio que isso nos remete ao material de observação de Carlos com nove semanas, logo que ele maltrata os dedos de uma mão com a outra, depois se torna mais calmo, reunindo seus dedos e os engolfando mais ludicamente uns nos outros.

Nos meses seguintes, ela me levou ao espelho onde devíamos nos olhar nos imitando, tendo ambas os braços cruzados. Eu podia, então, parafrasear o prazer de ser “igual”: de ter cada uma seu lado bebê com seu lado mamãe, mas sendo ela uma garotinha e eu uma senhora. Ela fazia mímicas variadas frente ao espelho, apontava seus indicadores bem apoiados sobre o espelho, estendia muito uma longa língua pontuda, como sublinhando o órgão médio em relação à união dos lados agora assimétricos. Escondia-se, reaparecia e, por vezes, não deixava aparecer senão a mão. Os olhares cruzados comigo no espelho tornavam-se cada vez mais freqüentes.

Ela agora me fazia desenhar bem menos sua mão, mas pousava ela mesma, sobre suas folhas, séries de pontos coloridos (fig. 7 e 8), o que, por muito tempo, me pareceu enigmático. Ela fazia também dobras cuidadosas, preocupando-se com os limites, dos guardanapos e de meus lenços, com os quais, antes, ela buscava envolver-se (“se envolver no belo lenço”, disse um dia). Eu compreendi melhor, devido aos trabalhos anteriores sobre as dobras e os dobramentos (Haag G, 1988, 1990, 1994), a nova representação que assim se exprimia da introjeção dos “anéis de retorno” e, pois, da continência com esqueleto interno (skeleton-container de Bion e Meltzer) que isso representava e, mais particularmente, o eixo do corpo na dobra.

Devo anotar ainda, sem todavia compreendê-lo, seu interesse, em muitas sessões que acabo de invocar, por sua sombra, mais particularmente a da sua mão: imagem asseguradora do duplo do corpo inteiro e de uma mão que simbolizava a introjeção de continência, com seu núcleo interno prolongando-se no eixo vertebral (Haag G., 1993a, 1994b), enquanto ela abandonava o controle obsessivo de uma simetria no interior do corpo, o seu e o meu na transferência, controle que servira para manter colados em adesividade patológica duas metades mal articuladas? Notar que ela havia começado a lançar olhares para sua imagem no espelho em contraponto com esse interesse pela sombra.

Nesse período ela manipulava também a massa de modelar, sobretudo para estendê-la sobre seus polegares; depois vinha, com certa ansiedade, para que eu a retirasse. Eu acabei por interpretá-lo como uma demonstração de uma pele e de um polegar arrancados, cuidados, reparados.







Ela, a seguir, começou jogos de água que comportavam banhos, duchas, “shampooing” de um bebê mais ou menos maltratado. Eu verbalizava a infelicidade do bebê chorando, chamando por socorro. Isso agradou-a muito, e ela me fez longamente repetir essa cena. Uma outra parte dos jogos de água era mais enigmática, e eu pensei poder ligá-la ao trabalho de Suzanne Maiello (1991): ela fazia correr água sobre o fundo da pequena banheira invertida, o que produzia um ruído rítmico grave que a fazia olhar-me intensamente, e nós ambas nos alegrávamos com essa música da água. Esse período em que ela se encontrava quase sempre no papel de adulta, em perfeita imitação de gestos e palavras, era o momento do verdadeiro contato; ela também fazia escorrer água sobre suas mãos, longamente.

Foi nessa atmosfera que ela retomou o desenho do contorno das mãos, integrando-lhes os pontos um pouco (fig. 10). Pela primeira vez ela pôde fazer sozinha o contorno de sua e de minha mão inteira com um ponto no extremo do médio (fig. 11) e com um enorme polegar para ela (fig. 12) que se assemelha a um perfil de rosto com uma boca. Podia-se formular a hipótese de que a forma pontuda inclusa representaria uma língua-olho demasiado pontudos em um mamilo-seio sobre o qual seria, talvez, projetada também uma forma de pinça. Tinha havido um ensaio de fazer sozinha o contorno de sua mão, descoberto em seguida, ramificado sobre meu indicador em vaso comunicante com seu médio (fig. 13), ou seja, em minha pinça polegar-indicador.

Apareceu, em seguida, nos jogos de água, uma grande preocupação com a torneira, que ela envolvia em tecido dizendo “palhar”, deformação de “reparar”, o que eu demorei muito para compreender. Eu o interpretei, *primeiro, como pôr palha sobre a torneira exterior de uma casa antes dos frios intensos, mas não se tratava disso. Ela aquiesceu à palavra “reparar”*. Havia, assim, uma espécie de paralela entre a reparação do polegar na mão e a da torneira, que representava, então, o mamilo que nutria o bebê.

Ela extasiou-se, um dia, face à beleza do filtro de esgoto da pia: coroa de pequenos orifícios em torno de um parafuso central (fig. 14). Pararam os jogos aquáticos muito rapidamente após isso. Nas últimas vezes, ela fez turbilhões e ondas, mas pousou as mãos bem esparramadas em leque no fundo da pia. Eu poderia comentar, de várias modos, que o fundo estava bem aí, onde se podia pousar a mão inteira, reparada, mesmo tendo havido o turbilhão das raivas de bebê, onde se acreditara ter quebrado a torneira e o polegar.

Ela colocou, a seguir, o desenho das mãos em uma cena que me pareceu mais sexualizada: suprime o polegar em minha grande mão entrecruzada com as suas duas (fig. 15). Mas uma grande mão azul está intacta no verso da folha (fig. 16); paralelamente, ela representa uma cena de noite, em que devíamos dormir, eu na cadeira do





Geneviève Haag

pai, ela estendida sobre a mesa, o que me pareceu mais em relação com o desejo edípico e/ou o interdito do incesto.

A partir disso a teatralização complexificou-se; ela fez, perto das mãos, imitações de escrita, primeiro perto da minha, depois perto da sua e sobretudo do polegar, após entrecruzamentos variados de nossas duas mãos (fig. 17). Algumas semanas após, em um outro desenho, parece que a sobreposição de suas mãos “me arranca o polegar”. Ela diz ludicamente: “*Mas onde está o polegar*”? (fig. 18). As férias de fevereiro aproximam-se e, três dias depois, eu assinalo os dias restantes desenhando quatro círculos sobre uma folha, depois três círculos barrados designando ausência. Ela faz um belo leque de suas mãos esquerdas que parecem inflamar-se no cume (fig. 19). Depois ela “traduz” meu calendário desenhando uma mão laranja superposta, sobre o polegar e a articulação polegar-indicador, de uma mão azul cujos três dedos médios estão barrados como cortados por uma escrita violeta (fig. 20); o polegar está intacto, mas não há mais o dedo mínimo.

Após isso e até a separação, ela abordou o tema do bebê (rival?): minha grande mão vermelha com um polegar muito alongado e um indicador em bola. Ela fala de bebê: dir-se-ia, na verdade, um bebê no côncavo de um polegar – berço, matriz atacada (ou fecundada?) por uma tira de mãozinhas pontudas dela mesma (fig. 21). Ao voltar, parece que ela reencontra sobretudo um grande sol de mãos (fig. 22), entre sua pequena mão esquerda e minha grande mão direita laranja, à qual ela acrescenta um dedo suplementar e cujo enorme polegar é sobreposto de dois dedos – seria um seio com dois mamilos? Ainda mais que, em paralelo, se encontram colocados dois pontos amarelos: dois olhos? Mas há superposição, em lápis cinza, de minha mão amputada do polegar entrecruzada com sua própria mão inteira, talvez hiperpenetrante: fantasia de um ataque destruidor que, assim mesmo, não destruíra a imagem solar superposta, aqui, a uma mão-seio?

## Para resumir

Parece-me que reconhecemos nesse material, de desdobramento muito lento e secundariamente complexificado e mesclado de elementos de conflito edípico e de rivalidade fraternal, a elaboração desenhada desse teatro das mãos descrito em Carlos por E. Bick, mas dessa vez com as aventuras de uma tragédia precoce que arrancou as primeiras formações na medida de seu esboço: um olho predador, projeção provável de um desejo destrutivo intenso desencadeado por aventuras traumáticas que, nesse caso, levaram à retirada autística, torna-se responsável dessa supressão.

É interessante considerar que, entre as duas séries de desenhos de mãos, antes





que ela mesma seja capaz de desenhar seu contorno inteiro, ela trabalha no espelho a separação corporal com o estabelecimento de nossos dois corpos em junção assimétrica, fortemente cruzados, evocando a formação do eixo, recuperando a língua e a reparação do polegar/mamilo/torneira. O reencontro da ligação sonoro pré-natal parece ter sustentado bastante a nova qualidade penetrante/permutante dos olhares que permitem, em minha idéia, a restauração de todos esses elementos “medianos”, ditos também “fállicos”, da fileira “masculina”, esqueleto interno do eu córporo/psíquico - do qual se pode pensar, com numerosos psicanalistas, que dependerá a qualidade futura do superego.

### Algumas interrogações metapsicológicas

Retomarei, primeiro, um aspecto desse material que permaneceu enigmático, reunindo outros materiais similares: o período do desenho dos pontos coloridos paralelo aos jogos de água. Maldavski, nos seus trabalhos sobre a linguagem do erotismo oral primário (1999, p.126-128), propõe que um estado muito primitivo da percepção seria de ordem punctiforme, unissensorial, os pontos encontrando-se aí suspensos em uma substância liquefeita ou etérea ou sonoro/musical, que assegura a coerência disso, a “essência” aparecendo como um mediador entre os líquidos e o espírito, forma muito primitiva de abstração. Eu me pergunto se os pontos sensoriais não podem ser aproximados dos pontos de realce, que formam, então, manchas coloridas, de reencontro emocional no sonoro, gustativo, visual: os pontos dos dois olhos, dos dois mamilos, o tátil, sobretudo o da extremidade da língua, da extremidade dos dedos (o dedilhar assinalado por D. Maldavski como pertencente à linguagem do erotismo oral primário). Notamos, aliás, no desenho da segunda menina, “pontos” colocados na extremidade dos dedos.

A motricidade, pelo viés da cinestesia, com a sensibilidade labiríntica, tem provavelmente um outro papel, organizador, primeiro, das ritmicidades, a relacionar, em outra corrente, pós-walloniana, aos trabalhos de A Bullinger (1996) sobre o estabelecimento da plataforma sensorio-tônica que seria a base de nossa estabilidade emocional. Mas também a relacionar com a imagem motriz, gestualizada ou alucinada, derivada dos movimentos pulsionais e afetivos que criam as formas basais, como exprimimos acima. Do lado psicanalítico, podemos ligar essa imagem motriz aos estudos de Anzieu (1985) sobre os significantes formais, bem como aos aprofundamentos mais recentes de Claude le Guen sobre as representações motrizes.

Parece-me que podemos também ir ao encontro, aqui, dos trabalhos de André Green sobre a representação do afeto e sua proposição de pensar “(...) *que a natureza*





Geneviève Haag

*profunda do afeto é de ser um acontecimento psíquico ligado a um movimento à espera de uma forma*". Não reencontramos lá, também, a importância da imagem motora enquanto representante da moção pulsional/afeto, que não somente seria, como propõe Green, "(...) *convite feito a formas a serem captadas pela pulsão por meio de seu representante/afeto*", mas participaria sine qua non na organização da percepção das formas, como já o sustentei em outros trabalhos, em apoio aos de F. Tustin quando tratou do mesmo assunto (Tustin, 1986). A formação das formas seria inicialmente essa geometria primitiva da qual falamos (ritmicidades, contorno, estrutura radial, eixos) projetada sobre o corpo, a arquitetura e os objetos e que permitem sua própria objetualização.

A fim de prosseguir no aprofundamento desse ponto metapsicológico da articulação afeto/percepção/representação, sobre o qual diversos autores estão pesquisando, sobretudo, na França, César e Sara Botella (2001) em seu notável trabalho a respeito da figurabilidade, temos todo o interesse em continuar, como nos convida E. Bick, a observação atenta "dessas muito finas atividades" cuja "importância vital" ela sublinha, pois vemos que abrem para os fundamentos da psique, que se organiza na representação, de início concreta (J. Gammill\*) desses primeiros laços identificatórios.

Penso que nos resta muito a aprender com o estudo desse "teatro das mãos". □

## Summary

In this article, the author aims at considering the perception and visual contemplation of the hand by a newborn infant as being linked to the representation of a primary object comprising continence and its internal skeleton. Then, the hand would be one of the earliest radial forms of continence, which has already been discussed by the author. By the way, the interconnections developed between the hands, during the same period, seem to be part of and witness of the construction of such representations in identification games ranging from the adhesive register to the projective register. In support of the observations and considerations made by Ester Bick, in her article concerning the observation of breast-fed infants, already toward that sense, and of the author's own works on intra-corporeal identifications, she relates clinical materials drawn from the psycho-analytic treatment of two girls who have emerged

\* J. Gammill propõe esta concepção, devida a H. Searles, a meio caminho (em relação à simbolização), na qual ao menos uma ligação sensorial deverá ser mantida (M. Haag, 2002, p.269).



from autistic defences and who place the same problematics into “having one draw” or drawing the outline of their hands in several configurations.

## Resumen

En este artículo, la autora se propone considerar la percepción y contemplación visual del bebé en los primeros meses de vida, de su propia mano, como relacionadas a la representación de un objeto primario comprendiendo la continencia y su esqueleto interno. La mano se confirma, así, como una de las primeras formas radiales de continencia, ya previamente trabajadas por la autora. De otro modo, las interconexiones desarrolladas entre las manos, en ese mismo período, parecen participar de ella y testimoniar la construcción de esta representación en juegos identificatorios que van del registro adhesivo al registro proyectivo. En apoyo a las observaciones y consideraciones de Esther Bick, en su artículo princeps concerniente a la observación de lactantes, que ya se orientan en ese sentido, y sobre los propios trabajos de la autora concernientes a las identificaciones intracorporales, se relatan materiales clínicos retirados del tratamiento psicoanalítico de dos niñas que emergen de defensas autísticas y que muestran esas mismas problemáticas en el “hacer dibujar” o dibujar el contorno de sus manos en varias configuraciones.